

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendum...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens, incipsum
ad destinatum persequor, ad bravium (tri-
umpho Ecclesiae)... in Christo Jesu.

10. 13. 14.

SUMMARIO

O SETIMO ANNO, por Teixeira de Freitas; CARTA DE SUA EMC.ª O SNR. CARDEAL PATRIARCHA DE LISBOA AO DIRECTOR DO CENTRO DE PROPAGANDA CATHOLICA EM PORTUGAL. — SECÇÃO RELIGIOSA: *Os principios Catholicos perante a razão*, II *O deísmo*, por D. Fran.º Xavier G. Rodrigues; *O suicidio* (continuação) por F. G.; *A União Catholica*, por um theologo. — SECÇÃO SCIENTIFICA: *As Conferencias Quaresmaes na Sé do Porto em 1884*, por Mons. Rodrigues Viana, II — SECÇÃO HISTORI-



MONSENHOR FREPEL, BISPO DE ANJERS.

CA: *Tabua Chronologica de todos os Bispos, Arcebispos e Bispos Titulares Coadjuutores da antiga e muito illustre Egreja de Braga, desde a sua fundação até ao presente*, pelo P.º Alfredo Elviro dos Santos; *Para a historia das nossas missões ultramarinas*, pelo P.º João Gomes Ferreira — SECÇÃO CRITICA: *O 5.º centenario da batalha d'Aljubarrota*, por Elias de Sampaio, *Coisas! Coisas!* por um leitor de gazetas. — SECÇÃO ILUSTRADA: I *Mons. Frepel, bispo de Anjers*; II *Interior da cathedral d'Auch*, por R. — SECÇÃO LITTERARIA: *Gracia, ou a christã do Japão*, (continuação) versão do P.º Lima. — RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 30 DE OUTUBRO DE 1884

O SETIMO ANNO

A REDACÇÃO do *Progresso Catholico* ao entrar no setimo anno das suas lides na imprensa catholica, julga-se desobrigada de fazer novo programma; amplo é elle já, louvado Deus, por que está escripto em seis volumes in-folio, de perto de 300 paginas. Seis annos de vida é garantia assás forte de que o *Progresso Ca-*

tholico e o Centro de propaganda catholica em Portugal, de que elle é orgão, não desmentirão a fé e o amor da patria que vieram defender.

Nos, como director não carecemos tambem de alardear serviços nem de fazer promessas. Na pagina seguinte reproduziremos uma carta com que fomos honrado pelo Em.º e Rev.º Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, cujo original conservamos e conservaremos sempre onde guardamos as com que nos

tem distinguido varios membros do Episcopado portuguez e brasileiro.

São as nossas condecorações, com que nos orgulhamos, porque mostramos, com ellas, o pouco que temos feito em prol da Egreja. A benção que acaba de dar-nos o Em.º Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, animar-nos-ha a novos trabalhos, e fará redobrar o numero dos leitores da nossa Revista e de todas as nossas edições.

Teixeira de Freitas.

CARTA DE SUA EMINENCIA
O SENHOR CARDEAL PATRIARCHA DE LISBOA,
AO DIRECTOR DO CENTRO DE PROPAGANDA CATHOLICA
EM PORTUGAL

Almo. Snr.

Recebemos a traducção portugueza da Historia verdadeira da Inquisição, por D. Francisco Xavier G. Rodrigo, que V. S.^a acaba de editar e de offercer= Nos.

Agradecendo, aproveitamos a occasião para lhe participar que, não obstante o pouco tempo de que podemos dispor, lemos alguns capitulos da mesma; e, a avaliar toda a obra por elle, jurco= Nos ser verdadeiramente catholica e fiel.

Deus o anime a proseguir na publicação de obras propagadoras da boa e sã doutrina, que neutralisem os lamentaveis effeitos das muitas que temos propagadoras da descrença e da immoralidade.

Agradecemos a offerta do seu excellente jornal o PROGRESSO CATHOLICO, e enviamos-lhe a Nossa Benção.

✠ J. CARDEAL PATRIARCHA.

Lisboa, Paço de S. Bento

18 d'outubro de 1884.

SECÇÃO RELIGIOSA

Os principios catholicos perante a rasão

II

O deísmo

Systema religioso dos deistas. — O deista não conhece os attributos divinos. — Os preceitos da lei natural combatem a theoria do deísmo. — Deus não pôde aceitar todos os cultos. — A rasão humana per si só não pôde conhecer o culto verdadeiro. — O culto não pôde ser uma invenção humana. — O systema dos racionalistas acerca do culto é absurdo. — Opinião de Santo Thomaz sobre o deísmo.

Não podendo os incredulos negar a existencia de Deus, tão completamente demonstrada, na região da metaphysica como na ordem physica do mundo, pela belleza das suas obras, pelo admiravel concerto da criação, pelo testemunho universal do genero humano e pelo sentimento da propria consciencia, inventaram uma theoria chamada falsamente *religião natural*.

Os deistas exaggeram o vigor da intelligencia humana para fundamentar a sua hypothese descabelada, assim como o atheismo seguindo rumo opposto destroe a capacidade do homem, ao qual só distingue dos irracionais por uma simples modificação da substancia universal; mas estes sectarios desconhecem, tanto uns como outros, a *rasão universal, origem de todas as rasões finitas, fonte de toda a verdade, luz de todas as intelligencias, laço de todos os seres* (1).

O deísmo é em rigor a negação de todo o culto externo. Estes sectarios encontram sem embargo a verdade em todas as crenças, suppondo que Deus, indifferente ás acções do genero humano, deixa ao homem a absoluta liberdade de forjar o culto que a sua rasão lhe dicte (2), ou de escolher entre os systemas conhecidos aquelle que se adapte melhor ao seu capricho. Tal é a desconcertada utopia em que traiçoeiramente se occulta o atheismo!

Os deistas suppõem um Deus impossivel, pois negam-lhe os attributos necessarios, e por isso esta doutrina é, repetimol-o, um atheismo vergonhoso. Um Deus que não cuida dos homens, nem das culpas e das virtudes d'elles, ha de ser um ente ocioso, sem providencia, nem justiça, nem misericordia, porque abandona a primeira e mais nobre creatura da terra, deixando impunes os seus delictos, sem premio algum a sua virtude, e sem perdão o seu arrependimento. Admittida esta supposição tão absurda, a criação seria uma obra inutil e incompleta, porque fôra inutilmente concedido ao homem uma alma racional se elle não fosse destinado para outro fim mais alto que o de vegetar sobre a terra alguns annos: além d'isto, a obra admiravel do Omnipotente careceria de complemento e do seu necessario fim moral, porque a negação de premios e de castigos destroe necessariamente o valor das acções, e torna inutil e illusoria a virtude. Tal é o homem do deísmo, e taes são as consequencias da sua hypothese impia, que ha de produzir a abolição da moral, a desorganisação politica e as perturbações sociaes a que se abandona o homem se chega a persuadir-se de que Deus não o julga digno dos seus cuidados paternaes. E que uso faz o Ser Supremo da sua providencia, se deixa de empregal-a em beneficio da creatura mais nobre da terra?

O homem conhece os preceitos naturaes que traz profundamente gravados no seu coração, e por este motivo lhe é obrigatoria a observancia d'esses preceitos. Ao primeiro pertencem os deveres de amor e gratidão para com o seu Omnipotente Creator; deveres que seriam completamente estereis sem a manifestação exterior em que consiste o culto, pois todo o affecto interno perde a sua necessaria actividade quando não se manifesta por actos sensiveis e exteriores. Os deistas confessam que a moral se funda nos preceitos naturaes, logo não podem rejeitar o culto externo que é indispensavel consequencia dos mesmos preceitos.

Se é tão absurdo o erro que deixamos refutado, não o é menos a supposição de que sejam iguaes para Deus todos os cultos, porque repugnando á divina perfeição tudo o que é imperfeito, repugnar-lhe-hão os erros e o engano, e não podem ser-lhe indifferentes a verdade e a mentira; d'onde se segue que sendo um só o culto verdadeiro, não é possivel que o Omnipotente approve as

falsas religiões. O exame critico das crenças religiosas que os homens professam, mostra-nos a impossibilidade de todas serem certas, pela theologica contradicção dos seus respectivos principios, pela sua torpe moral e ferocissimos ritos.

A religião da India, povo relacionado com os patriarchas da antiga lei, conservou por esta causa muitas verdades primitivas, posto que envoltas em phantasticos erros; e comquanto haja certa analogia entre as religiões dos Babilonios, Egypcios, Persas e Phenicios, existe todavia a mais profunda differença nos seus dogmas respectivos. No paganismo que os Gregos e os Romanos professavam encontramos não menos differenças. Os Carthaginenses compozeram o seu culto com a mais confusa mistura de crenças adquiridas nas suas viagens arrojadas por terras desconhecidas. O rito dos Druidas differenciava-se de todos os restantes cultos e da mythologia germanica difficilmente se pôde formar juizo por sua excessiva e encontrada divisão. O judaismo condemna a torpe idolatria; Mafoma perseguiu ferozmente os idolatras, os judeus e os christãos; e como a Religião catholica é a unica certa e verdadeira, e a verdade não pode transigir com a mentira porque repugnam entre si, deduz-se d'aqui a rasão poderosissima que ella tem para repellir qualquer outro culto. A moral das crenças falsas, comparada com a do Evangelho, refuta eloquentemente o absurdo deísmo. Pôde porventura comparar-se a virtude christã, pura e honesta, magnanima e sublime, com o sensualismo do Coran? Ainda lemos com rubor e repugnancia aquellas relações que a historia nos conserva dos jogos gymnicos da Grecia e do culto impudico que se dava a Venus e ao obsceno deus chamado Priapo: inspiram ainda a maior repugnancia aquelles Corybantes descompostos, os adulteros do deus Jupiter e as vergonhas crueis da sua ultrajada esposa. Poderemos crêr que se honra a Deus com as hecatombes humanas da idolatria do mesmo modo que com o pacifico, sancto e admiravel sacrificio do Catholicismo? Podem acaso comparar-se rasoavelmente os impuros sacrificios que sacerdotissas deshonestas rendiam á deusa Venus, com a heroica abnegação das nossas Irmãs da Caridade?

Como os deistas dizem que a evidencia é o seguro fundamento das suas crenças e doutrinas, e defendem além d'isto que todos os

(1) Balme, Phil., t. II, cap. 25.

(2) Doutrina que deu origem ao racionalismo.

cultos são gratos a Deus, desejariamos saber a razoavel origem da sua evidencia peregrina, e que logicamente nos provassem essa certeza a que devem o seu convencimento sobre a santidade da prostituição, acto de culto que se tributava a Venus; sobre a santidade do suicidio, que os Indios fanaticos commettem para honrar a sua deidade; e sobre a santidade dos sacrificios humanos, que os Gallos executavam debaixo da sagrada enzinha, que os Germanos offereciam á sua terrivel deusa Herta, e que os Mexicanos praticavam nos seus templos; carnificarias repugnantes de que o mais apreciado adorno eram os craneos de innumeraveis victimas humanas sacrificadas ante a ara immunda. Como se atrevem a dizer-nos que a evidencia é o fundamento do deismo? Tem os deistas evidencia de que os actos de culto que temos indicado, podem ser agradaveis ao Omnipotente?... Compreenderam elles porventura a essencia divina?

Estes sectarios do erro ensinam que a *religião natural* consiste no culto que a rasão humana, abandonada a si mesma e ás suas proprias luzes, e sem auxilio algum da revelação, entende que deve dar-se a Deus.

Negamos absolutamente a possibilidade da rasão humana se encontrar abandonada aos seus recursos: e ainda concedendo esta supposição, não será menos falsa a hypothese de que ella possa per si só conhecer o culto verdadeiro. Para que tivesse fundamento semelhante supposição, seria indispensavel que o homem existisse absolutamente separado de toda a sociedade, o que é inexacto, porque o genero humano é essencialmente sociavel, sem que destruam este principio alguns exemplos de seres encontrados no abandono mais completo. Descobriram-se na America, na Africa e na Oceania povos desconhecidos, e um ou outro d'entre elles na maior degradação: mas todos appareceram submettidos aos cheles e anciãos das suas tribus, dos quaes recebiam instrucções da guerra e da caça, ou na imperfeita cultura dos campos, nas toscas e incompletas observações astronomicas, nos remedios para a cura de suas feridas e doenças, e no ensino do inhumano culto com que honravam os deuses. Não existia, pois, n'aquellas sociedades imperfeitas a rasão abandonada ás suas proprias luzes, antes a encontramos sempre submissa pelos costumes, pela auctoridade

e pela experiencia (3). Finalmente, ou a rasão se acha illustrada pelo ensino, ou carece de cultura: no primeiro caso não existe o pretendido abandono ás suas luzes naturaes, e na segunda hypothese poderão encontrar-se unicamente os embrutecidos negros de Africa, cujo fetichismo estúpido é tudo o que a sua rasão lhes tem podido ensinar a respeito do culto verdadeiro.

Se fosse possivel suppor que a rasão pôde em algum tempo existir abandonada, seguramente causaríamos espanto os seus inventos religiosos. Os selvagens tem o convencimento de que existe um Ser Supremo, mas a sua rasão inclina-os a reverenciarem aquelles objectos materiaes que lhes affectam os sentidos pelo medo, pela necessidade ou pela surpresa: e d'aqui dimanou precisamente o culto tributado ao sol e a outros planetas, ao fogo e a differentes plantas, reptis e quadrupedes. O deista deve respeitar estas religiões se quizer ser consequente, pois a rasão de cada homem, ou de cada tribu ao menos, tem direito a estabelecer o seu culto. Esta horrivel confusão, este transtorno que demonstra a impossibilidade da rasão humana descobrir o culto verdadeiro sem auxilio superior, não pode agradar a Deus, principio d'onde dimana a ordem mais perfeita e a harmonia universal!

(Continúa).

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.

O SUICIDIO

(IMITAÇÃO)

*Ao Exc.º Snr. A. Ribeiro Portugal
testemunho de respeito e sympathia*

(Continuado de pag. 212 do 6.º vol.)

EXAMINAE as mais absurdas religiões da antiguidade, e vereis que em algumas se santificava a morte dada ao pae octogenario: mas em nenhuma vereis sanctificado o suicidio, porque o suicidio é a mais louca de todas as aberrações. Proclamam-se a morte ao inimigo, exaltam-se as paixões mais vis do homem, e para o adular chama-se virtude a seu maior estravio; mas, no meio de tudo isto, haveis

(3) Remettemos o leitor para as relações de Cook, Carteret, La Perouse, Campbell, Clapperton e Deukam.

de notar o suicidio sempre anathematisado, como um parto monstruoso de temeraria e delirante imaginação.

Se procuramos achar a verdadeira causa de um suicidio, só a achamos n'essas ideias que, doutras com as galas da poesia, encerram um veneno subtil, que corroe os sentimentos mais santos e puros de nosso coração.

Ideias, na apparencia, grandiosas e sublimes, d'uma sonancia agradável, que se apoderam da memoria, como a hera no meio de vestuto paredão. São as ideias da epocha. Falsas como o perfume de peçonhenta flôr.

Alguns novelistas, gastos pelo sensualismo, sem fé nem religião, ou talvez arrastados por uma torpe e delirante imaginação, são os cegos apostolos de semelhantes doutrinas. Suas ideias, adornadas com o esplendor da poesia, penetram encapotadas ás vezes; outras, com o maior descaro e em toda a sua asquerosidade, no lar domestico, no coração das familias, minando seu bem estar e felicidade, arrancando-lhe até ao ultimo germen de espiritualismo, ferindo-lhe torpemente as crenças mais santas e dignas de respeito, desmoralizando-se assim para depois romper com a sociedade.

De nada servem para elles os mais elevados sentimentos, de nada as cousas mais nobres, de nada as mais sublimes: o mundo é um foco de prostituição, a intriga o unico agente que dirige a marcha do homem:—assim pensa Mr. Scribe.

D'onde provirá esse immenso vacuo que encontramos em muitos d'esses livros, devidos á litteratura estrangeira? D'onde essa languida e desconsoladora tristeza, que as mais das vezes deixa sua leitura? D'onde esse *não sei que* afflictivo que nos faz ver com as mais repugnantes cores tudo o que nos cerca? Ah! tudo, tudo provem em que ao querer-nos retratar a sociedade tal como é, e como devia ser, ha nos seus quadros uma sombra de materialismo tão densa, que abafa o brilho das suas tintas mais formosas.

A sociedade sae-lhe das mãos saturada de vicios, e sem nenhuma virtude. O rico não vê no mendigo um irmão; o pae prefere seus interesses aos proprios filhos; a esposa adultera ri-se do marido ludibriado.... e no meio d'um tão repugnante quadro, nem uma unica virtude, nem uma unica acção nobre, e se porventura descrevem

algun ser não corrompido, apresentam-n'o andrajoso, um desgraçado sempre em lagrimas, para mais e mais escarnecerem da virtude.

Contemplando quadros taes evaporava-se toda a ideia espiritual, enchese a alma de amargura, e supõe-se uma horrivel realidade tão pernicioso exaggeração: extinguem-se todas as nossas illusões, fundem-se todas as nossas esperanças, e a vida pesa, porque ella é insupportavel sem esperanças nem illusões.

Não falta ainda quem batalhe para derrocar as mais puras instituições, aquellas que regulam os interesses das familias, que mais velam pelo seu bem estar, sendo ao mesmo tempo um valioso esteio da sociedade, o unico cimento, talvez, sobre que ella se levanta.

O casamento é para elles origem de martyrio e sacrificio, laço que aperta sem afrouxar nunca, e que para maior amargura nos rouba a liberdade, fazendo-nos caminhar por uma senda interminavel d'espinhos. E' *Jorge Sand* que derrama estas ideias no coração da juventude, levantando assim perante ella um phantasma desolador.

Depois de um quadro tão triste, depois d'apresentar o homem despido de todo o sentimento nobre e abrigando unicamente paixões vis e baixas, depois d'apresentar-nos a sociedade n'um estado de relaxação completa, onde o vicio se eleva em throno e a virtude rasteja miseravel a seus pés, até succumbir, vem *Schiller*, poeta allemão, com todo o fogo d'uma imaginação escandecida figurar-nos a morte como um menino de lindos cabellos d'oiro e faces docemente pallidas, dormindo sobre um leito de perfumadas flores e sempre vivas. A attitude da criança expressa o descanço, sua fronte serena, a tranquillidade e o sorriso de seus labios, uma dita celestial.... E diz — «Oh! cercandonos tanto lucto, tanto vicio e amargura, como não cubiçar um porto ao lado d'essa encantadora criança, como não anciar dormir sobre esse leito tão esmaltado de flores?»

E' isto o mesmo que mostrar um copo d'agua cristalina e pura ao desgraçado que sente os labios resiquidos pela ardente febre que o devora! E' isto o mesmo que arrojara uma taboa ao infeliz naufrago que lucta por vencer as encapelladas ondas do embravecido mar! Não pára, todavia, ainda aqui o abuso d'essas terriveis ideias, percursoras do crime e do suicidio.

Esse immenso quanto pernicioso furacão não encontra diques, tudo

invade, parece uma espumante catarrata que se despenha do alto d'uma montanha e arrasta em sua corrente destruidora arvores, flores, cabanas e plantas....

Faltava outro golpe maior ainda, faltava arrojara uma pedra mais pesada, que ultrapassasse o limite das outras, faltava o maior escarneio do homem, um insulto ao Creador. E' foi o celebre romancista francez *A. Dumas* que desempenhou tão extranho papel querendo refutar um livro em que era condemnado o suicidio e se dizia que entre os animaes nenhum havia que rasgasse suas proprias entranhas e se privasse voluntariamente da vida, se expressou assim: — «Sem duvida que os animaes obedecem cegamente ao Creador e só o homem se rebella contra elle, porque ao animal não deu Deus mais que o instincto e ao homem as paixões. Ah! está, pois, todo o segredo da desobediencia do homem e obediencia dos animaes. O homem instigado por suas paixões é apenas um instrumento, é como a folha da arvore que o vento do outomno arrasta velozmente por cima da secca e açoutada arêa, e assim, sem liberdade, não é nem pode ser nunca responsavel pelo que pratica impellido por ellas». E' foi o auctor dos *Mohicanos de Paris*, sem duvida um dos melhores escriptores da Europa, que, abraçando tão falsos principios, apresenta a humanidade como um joguete de Deus!! Extranha logica que obrigaría a sociedade a deixar impune toda a casta de crime!!

Se estas ideias fossem verdadeiras e o mundo as adoptasse, o assassino manchado ainda com o sangue da victima exclamaria: — Não sou culpado, foi a fatalidade, por que Deus ao dar-me estas paixões invenciveis me impelliu a cravar o punhal homecida no peito d'este infeliz!! — E nós então compadecidos ainda do desgraçado, que triste joguete d'uma força superior, tinha sido impulsado áquelle crime, nem attentariamos para o infeliz, que, banhado em sangue e no ultimo estertor, erguia as mãos pedindo vingança.

O homem sem liberdade para obrar, seguindo apenas um caminho traçado, e vergado ao peso da mão da fatalidade, seria como um tronco secco e carcomido em que desappareceriam os vicios; mas em que tambem não floresceriam as virtudes.

Manteigas.
(Continúa).

A UNIÃO CATHOLICA

(Continuado da pag. 268 do 6.º vol.)

A RELIGIÃO não é um partido; é superior a todos os partidos. Oh! bello axioma! digno do amplo cerebro de M. Proudhomme! Por certo: a religião não é um partido, é a ordem estabelecida por Deus, a ordem obrigatoria para todos os filhos de Adão. Mas quando, em um paiz, os direitos d'uma religião são espesinhados, e o são pelos funcionarios eleitos, pelo proprio governo central, quando essa iniquidade não é fortuita, mas friamente planeada e implacavelmente proseguida, então os homens de fé, devem aggremiar-se em partido, para defender a causa de Deus, a causa que é d'elles, da sua familia, da sua patria.

Quaes os meios? Os astutos inimigos de toda a ordem divina e humana, os mações, teem-se ligado estreitamente entre si; a raça judaica, espalhada pela face do globo, une-se para devorar a fortuna das nações; e os catholicos ainda mal attingiram comprehender a necessidade de se intenderem, para que não sejam inteiramente esmagados, e de se unirem, para oppor um dique ao progresso d'esse apostolado de apostasia, que na giria revolucionaria se chama laicisação, e cujo desenvolvimento avança d'um modo rapido e terrivel! Viva Deus! Pio IX tinha razão quando indigitava como o peor inimigo das sociedades christãs, esse liberalismo, que cega as suas victimas nos interesses mais graves, nos deveres mais importantes, nos perigos mais temiveis.

O liberalismo não quer a união catholica, quer uma ordem politica, da qual só o homem seja o auctor, e fazendo a Deus e á Igreja, depositaria do poder, um acolhimento cortez, mas cavilosamente reservado.

Quando eleições bem dirigidas, segundo um programma puramente utilitario, tiverem substituído M. Ferry por M. Broglie, M. Brisson por M. Falloux, M. le Royer, por M. Kerdrel e M. Grevy pelo conde de Paris, o clero, sempre suspeito, sempre em quarentena, poderá dizer missa pacificamente nas egrejas, e celebrar a festa de *Corpus Christi* com as procissões d'outr'ora. Mas esses factos são de tão exigua importancia, que não podem tomar logar em um programma politico. Importa mais que tudo que o governo d'esta nação christã esteja

F. G.

franca e publicamente isempto de toda a influencia religiosa, exactamente como o tem estado todos os governos de origem maçonica. Officialmente, tal governo não conhecerá a Jesus Christo, nem a Deus Padre, que está nos céos.

Não ha outra coisa a esperar-se. A união catholica não pode contar com peiores inimigos, que os catholicos liberaes, cuja imprensa lhe fará uma guerra sem armistício. Tornal-a-hão responsavel do aborto das tramas que elles armarem; abroquelar-se-hão sob a reserva do episcopado, para a accusarem de suspeita perante a auctoridade ecclesiastica; attribuir-lhe-hão designios inverosímeis, e esquecer-se-hão de aparar os golpes da cohorte revolucionaria, para despedir seus dardos contra os verdadeiros christaos postados em redor da Cruz. Mas què? Tal systema é ja uma dolorosa realidade e promette continuar ainda.

Isso porém não pode servir de rasão para que se não constitua a união catholica.

Urge que os direitos catholicos, os mais importantes, os mais conculcados de todos, sejam defendidos? Não ha catholico, não ha pessoa de bem, que o possa duvidar.

Quem os defendera pois?

Não nos limitamos a dizer: *quem os attestará, quem os provará?* Para os afirmar e provar pode ser assas a palavra e a penna do sacerdocio. Porém a defeza do direito vai mais longe; comporta uma acção social, publica, politica, para attingir o termo da perseguição e reconquistar o reinado da justiça.

Esta empreza constitue o dever dos que governam: porém se os governos se deixam amedrontar pelos perseguidores, ou se elles mesmos se fazem taes, pertence então ao corpo dos cidadãos que ainda não estão corrompidos, organizar a lucta contra a perseguição, lucta que permanecerá impossivel, se os soldados do direito continuarem isolados; mas que pôde, como ha pouco vimos entre os belgas, alcançar o triumpho, se a organisação chegar a estabelecer-se.

O catholicismo não é um partido; mas o partido catholico é um grupo de homens, que se organisa para combater os oppressores do catholicismo.

A este grupo deve pertencer todo aquelle que tem a consciencia das nobres obrigações contrahidas no baptismo catholico. A neutralidade é a deserção: todo aquelle,

que é catholico devêras, é *campeador nato da união catholica.*

(Continúa).

Um theologo.

SECÇÃO SCIENTIFICA

As conferencias quaresmaes na Sé do Porto em 1884

POR MONSENIOR RODRIGUES VIANNA

II

O Apostolado do Clero em face da—Civilisação intellectual

(Continuado de pag. 256 do 6.º V.º)

Civilisação! Nunca o teu nome, que por si só é todo um extasis, se pronunciou com tanto enthusiasmo e ufania como n'este seculo, que te escolheu para seres o seu ideal, e quiz chamar-se, por excellencia, o seculo das luzes; e nunca, nunca o mundo te contemplou tão alumiada, pomposa e surprehendente. Tu tens como throno a natureza conquistada nos seus mais reconditos segredos, tens como diadema a fulgida constellação das sciencias com o disco luminosissimo das mais brilhantes descobertas, tens como tropheus de gloria o ferreo jugo do despotismo, os duros grilhões e os flagellos sangrentos da escravatura, banidos, despedaçados, soterrados para sempre; e tens como hymnos de ovação o rodar das maquinas, o estuar do vapor, o sibilar da locomotiva, e o estrondear da metralhadora e do canhão raiado. Mas para onde vaes tu assim tão apparatusa e assombadora? Irás bem ou mal orientada? Ah! tu tens dous motores, d'onde recibes o impulso e a direcção em tua marcha ascendente através da humanidade, — a sciencia de Deus e do homem: de Deus que é o teu centro, do homem que te deve encaminhar e fazer convergir para esse centro, como o astro do céu se encaminha e converge para o sol, em seu curso magestoso: e o observador attento, ao examinar-te n'esses dous grandes motores, descobre, com temerosa surpresa, que elles se acham salientemente deslocados, que o homem se constituiu o teu centro e se arvorou em Deus, fazendo das tuas luzes a sua aureola, das tuas maravilhas o seu solio, das tuas auras os seus incensos, das tuas comodidades flacido leito onde embala os seus prazeres; e, orgulhoso das tuas grandezas exclama desvanecido como o genio da rebellião — *Similis ero Altissimo!* eu serei semelhante á Divindade; ou antes, a Divindade sou eu! Deus em baixo, e eu em cima; tudo para mim sómente, e para Deus nada, a não ser a indiferença e o desprezo! Oh civilisação! civilisação! . . .

Que digo, senhores? Exaggero?

Cedo, porventura, aos arrebatamentos d'um espirito exaltado? Não; o que digo, vós o testemunhaes ali todos os dias: e haveis de concordar que desenhado fielmente a perspectiva, sem carregar-lhe por demais os traços negros. E se eu quizesse proseguir no meu rapido desenho, e investigar a causa productora d'esse grave desconcerto, que hoje evidentemente se denota nos grandes motores, que regulam o andamento de toda a civilisação, o meu lapis, sem deslizar da verdade, teria ainda a estender, sobre o quadro esplendoroso d'este seculo, a mais humilhante das sombras para um seculo que se diz todo de luzes, a sombra da ignorancia, da mais indesculpavel e funesta das ignorancias — *a ignorancia religiosa.*

Sim: a ignorancia religiosa nos aveixa, nos asoberba, nos envolve em sua treva desastrosa. Que labêo, que negrume tão indecoroso para um seculo tão illuminado! Inquire-se tudo, explora-se tudo, revolve-se tudo, para estudar-se tudo quanto existe no tempo e no espaço: mas a religião, a sciencia de Deus, que é tambem a sciencia do homem, e sem a qual todos os conhecimentos humanos ou se extraviam, ou param em meio caminho, essa descursa-se em completo, e jaz no olvido, sob o pó dos cuidados da vida, dos seus gosos, das suas dissipações.

Effectivamente, quaes são os que hoje furtam algumas horas de existencia aos interesses do momento, para as consagrarem á indispensavel instrucção religiosa, e cultivarem e fazerem fructificar a tranquilla, fecunda e santa propriedade da alma? Quaes são? Os homens do trabalho? Esses, embuidos nos principios do materialismo, que se aspiram na atmospheria da epoca, tem extincta a vida do espirito; e, verdadeiros homens-maquinas, só miram em sua actividade a gananciareem o pão e o prazer. Como quereis que elles procurem instruir-se na religião, se é coisa que nem sequer lhes assoma ao pensamento? Quem mais? Os homens do estudo, os cultores da intelligencia? Esses, dominados pelo influxo do commum utilitarismo, lidam só por adquirir aquelles conhecimentos, que mais rapida e seguramente os habilita para alcançarem uma posição vantajosa e lucrativa. Como quereis que elles procurem instruir-se na religião, se é coisa que não tem valor para realisarem as suas aspirações egoistas? Quem mais? Os pensadores amadurecidos, que pairam nas eminencias scientificas? Oh! esses olham d'essas eminencias para a religião com supremo desdém, e consideram-n'a uma futilidade, ou uma velharia, que muito ha que passou com os seculos do obscurantismo e das trevas.

Tal é a situação: ninguem ousará

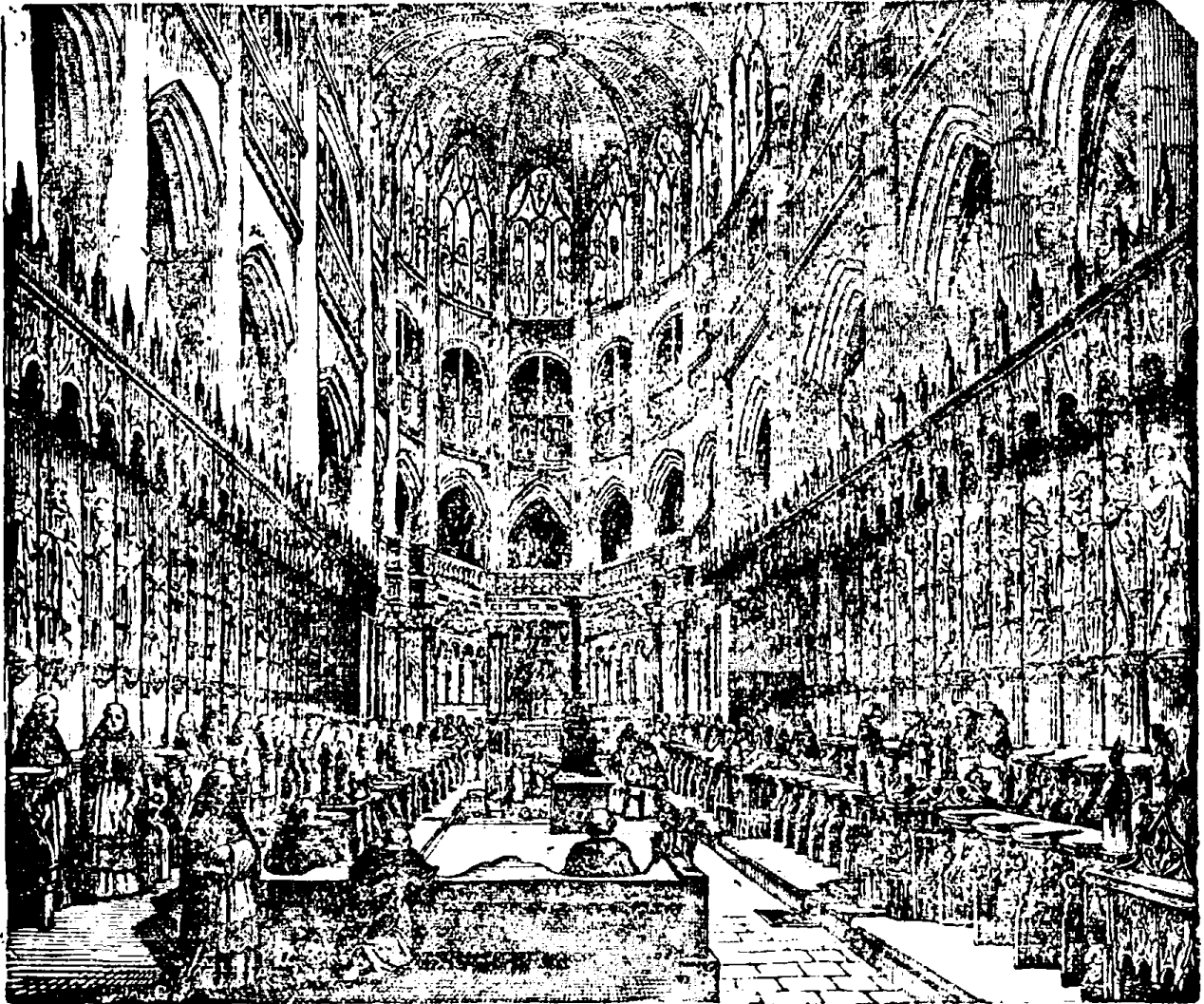
contestal-o: a situação é esta indiscutivelmente. Que pede, que exige, que demanda ella por si mesma? Que falta, que é mister, que se torna necessario, urgente, urgentissimo, para remediar esse deploravel desconcerto compromettedor, que se observa na civilisação dos nossos dias?

Senhores! Quando o incomparavel Agostinho exercia o seu grande espirito e immenso talento n'aquella sublime meditação, ás bordas do oceano, e interrogava as ondas, as estrellas, e os espiritos angelicos se acaso seriam o seu

te, a sua estrella polar; uma palavra que esclareça os espiritos obumbrados pela ignorancia religiosa, causa funesta da errada direcção civilisadora da epoca: uma palavra, enfim, que resôe no mundo, mais poderosa e auctorisada do que nenhuma palavra humana, para poder bradar efficazmente ao homem, absorto no seu nada, ou no pó da materia: *quære! quære super!* Desprende-te d'esse nada que és, d'esse pó em que revolves, e ascende para a infinita grandeza de Deus — *quære super!*...

Esta palavra, senhores, é o Padre!

os pequeninos, em que apenas começam a lampear os primeiros clarões da intelligencia, e lhes explique o catecismo, esse livrinho rudimentar, tão singelo e tão humilde, mas que, não obstante a sua simplicidade e modestia, é um compendio admiravel de sublime philosophia, onde as grandes questões da vida, as que preoccuparam os mais distinctos espiritos da antiguidade, se acham resolvidas por fórma que esses grandes espiritos nem sequer presentiram: quer elle suba á cadeira sagrada, e pugne com as mais esclarecidas intel-



INTERIOR DA CATHEDRAL DE AUCH.

Deus, e poderiam conferir a paz, por que o coração humano anhela: d'entre as ondas do mar e d'entre as espheras do ceu, e d'entre os coros dos anjos, irrompeu-lhe sempre uma voz mysteriosa, que lhe dizia: Não, não somos o teu Deus, nem podemos conferir-te a paz, por que o teu coração suspira: busca acima de nós — *quære super nos*.

E' o que reclama imperiosamente o nosso seculo: uma voz, uma palavra que o levante para o alto, que o impulse para o infinito, que o arrebate para Deus; uma palavra que oriente a civilisação transviada e lhe aponte o seu nor-

que a faz ecoar hoje, como sempre, no meio do transcurso vertiginoso, das labutações, e dos arruidos das sociedades.

Sentinella vigilante, postada a toda a hora do dia e da noite sobre o baluarte inconcusso da Igreja, o Padre observa d'ahi, aos raios illuminadores do fanel divino da cruz, o itinerario que seguem os povos, em ordem á verdadeira civilisação: e não cessa de soltar a sua voz salvadora, para indicar-lhes os perigos, que a podem comprometter e socavarem a sua ruina.

Quer elle congregue em roda de si

ligencias, investivando denodadamente contra o erro, ou troveje s vero contra o vicio, ou declame vehemente para fulminar os recalcitrantes, fortalecer os desalentados, esforçar os timidos, e confundir os indifferentes, a palavra do Padre é sempre, para a civilisação, luz fulgurante e alavanca potentissima; luz que lhe dissipa as trevas da ignorancia e do erro, alavanca que a remove e a impulsa para as culminações da verdade, do bem e do bello, que são os seus objectivos, os seus ideaes supremos.

E nenhuma palavra mais poderosa, nem mais auctorisada do que a d'elle.

Grande coisa é apresentar-se um homem como embaixador d'um rei: tal homem leva sobre si a magestade da patria: coisa muito maior é, todavia, o sacerdote, em sua missão evangelisadora; porque elle é o emissario d'um Deus, e, como tal, leva sobre si a sombra da magestade do infinito.

Portanto, não mais se diga que o Padre é obscurantista e inimigo das luzes, nem tão pouco se pretenda fazer crer que a sua palavra d'ensino, entre nós, já não tem razão de existencia, e que melhor é que elle vá dispendir o seu zelo e os seus suores nos paizes incultos e barbarescos, nos sertões d'Africa, nas florestas da America, nas matas virgens da Oceania. Aqui, senhores, onde o astro da civilisação rutila, tambem aqui ha trevas para se espanearem, altares sacrilegos para se demolirem, idolos grosseiros que é necessario destronar. Aqui, nos deslumbramentos de tanta luz, tambem aqui ha espiritos escurcidos, que, em sua pretendida illustração, ignoram ainda os principios mais

elementares da fé: e ha sacrilegas aras para todas as paixões, grosseiros idolos para todos os prazeres, e homens que se adoram como deuses, e deuses de metal, de barro, ou de terra para muitos homens, e...

Basta.

Que Deus vos illumine, e que Deus vos perdoe, cegos de tanta luz, que despreciaes a missão eminentemente civilisadora do Padre, e que tanto forcejaes para annullal-a, n'um seculo que, sem ella, irá parar... aonde? Onde vae parar a nau sem leme ou sem bussola, ou a locomotiva com desconcerto nos seus motores. Que Deus vos illumine, e que Deus vos perdoe!...

Sim, divino crucificado! perdoae aos que menoscabam e procuram por todos os modos desacreditar o ministerio doutrinal do obreiro indefesso do vosso Evangelho; d'aquelle que, como vós mesmo o definistes, é devêras a luz do mundo, porque é o depositario, o interprete e perpetuador da vossa palavra de vida; d'essa palavra que foi para a

humanidade o que é o sol, esclarecendo as espantosas solidões d'um deserto ja centes nas trevas, e que em toda a parte onde o vosso sacerdote a faz retumbar, ou esplendida como nas glorias do Thabor, ou terna e amantissima como nas saudades e affectos do Cenaculo ou triste e commovente como nas agonias e suspiros do Calvario, ou victoriosa e soberana como nos triumphos do Oliveito, em toda a parte illumina a noite da ignorancia, varre as escuridões do erro, desterra todos os vicios e faz resplandecer todas as virtudes... Oh! sim, perdoae, divino crucificado, aos que, não vendo no obreiro indefesso do vosso Evangelho o mais benemerito obreiro da civilisação, o desvirtuam, calunniam e perseguem em nome d'essa civilisação, que tanto lhe deve! Perdoalhes: e desça sobre elles do alto d'essa cruz, do alto d'esse throno de infinita caridade, o pregão da vossa infinita misericordia.

Fim da 2.ª conferencia

SECÇÃO HISTORICA

Taboa Chronologica de todos os Bispos, Arcebispos e Bispos Titulares Coadjuutores da antiga e muito illustre Igreja de Braga desde a sua fundação até ao presente (1884)

(Continuado de pag. 256 do 6.º Volume)

Numero d'ordem	Nomes dos Bispos	Annos que governaram	Pontífices Reinos	Monarchas reinantes
34	Pantardo	583-590	Pelagio II	R. G.—Flavio Recaredo I.
35	S. Tolobeu, ou Tobru	591-630	S. Gregorio I Magno, Sabiniano, Bonifacio III, S. Bonifacio IV, S. Deusdedit, Bonifacio V e Honorio I.	" Liava II, Ulfrico, Gundemaro, Sirebuto, Recaredo II e Flavio Suintila.
36	S. Pedro (II) Juliano (Pelos annos de 638 passou para Sé de Narbona).	630 (?) 646	Honorio I, Severino, João IV e Theodoro I.	R. G.—Sisenando.
37	S. Manucino	646-650	S. Martinho I	" "
38	Panoracio	650-652	S. Martinho I.	" "
39	Potamio (o Penitente)	652-656	S. Eugenio I e S. Vitaliano.	" Reccesvinto.
40	S. Fructuoso	656-665	S. Vitaliano	" "
41	S. Quirico ou Quirino (Em 667 passou para Sé de Toledo).	666	S. Vitaliano	" "
42	S. Leodicisio Juliano (Pelos annos de 680) passou para a Sé de Toledo).	667 (?) 675 (?)	S. Vitaliano e Adeodato.	" Wamba.
43	Linva	680-684 (*)	S. Agathão, S. Leão II e Bento II.	" e Ervigio
44	Faustino (Em 693 passou para a Sé de Sevilha).	687-693	Conon e S. Sergio I.	" o Egica.
45	S. Torquato Felix ou Felix Torquato	693-719	S. Sergio I, João VI, João VII, Sisinnio, Constantino e S. Gregorio II.	" Egica, Witiza e Rodrigo.
46	S. Victor (Desde este tempo até ao do arcebispo D. Pedro III esteve Braga arruinada e seus prelados ausentes).	720 734	S. Gregorio II e S. Gregorio III.	Reis mouros.
47	Heronio	735-740	S. Gregorio III.	"
48	Herminigildo	740-749	S. Gregorio III e S. Zacharias I.	"
49	Thingo	750-764	Estevão II, Estevão III e S. Paulo I.	"
50	Ferdizendo	766-780	S. Paulo I, Estevão IV e Adriano I.	"
51	Arcario	780-791	Adriano I e Leão III.	"
52	Argimundo	821—	S. Paschoal I.	"
53	Nostrano	832—	Gregorio IV.	"
54	Dulcideo	850—	S. Leão IV	"
55	Gladila	863—	S. Nicolau I	"

Numero d'ordem	nomes das bispos	Annos que governaram	Pontifices reinantes	Monarchas reinantes
56	Argemiro	899—	João IX, Estevão VII seismatico.	Reis mouros
57	Theodemiro	910—	Anastacio III.	"
58	Silvanato	930—	Estevão VIII	"
59	Heros ou Heranio	942—	Estevão IX.	"
60	Gonçalo I	958—	João XII.	"
61	Hermigildo	969—	João XIII.	"
62	Juliano II	1038—	Bento IX	"
	[Passou para a Sé de Toledo]			
63	Sigifrido	1060(?)—1081(?)	Nicolau II, Alexandre II e Gregorio VII	"
	[Passou para a Sé de Moguncia].			
64	D. Pedro III	1067 ou 1072(?)	Alexandre II.	Reis de Gallisa. — D. Sancho II. de Castella e D. Alfonso VI do Leão.
	[No tempo d'este Bispo começou a usar-se o titulo de Dom. Foi expulso em 1096.			

Lisboa—agosto de 1884.

P.º Alfredo Elviro dos Santos

Para a historia das nossas missões ultramarinas

III.º e Exc.º Sr. Governador de Timor. — *Administração ecclesiastica de Timor, serie de 1884 n.º 13.*

A convicção de que Vossa Excelencia, a quem o Governo de Sua Magestade tão acertadamente confiou os destinos d'esta Colonia, se interessa pelo desenvolvimento e prosperidade d'ella, e a esperança de que o mesmo Governo tomará na devida consideração as medidas que V. Exc.ª por ventura lhe apresente como uteis e tendentes áquelle fim, levam-me a ter hoje a distinctissima honra de vir depositar nas mãos de V. Exc.ª o presente memorandum sobre as missões de Timor, pedindo desde já a V. Exc.ª que, em vista das necessidades que n'elle exponho, haja por conveniente providenciar como melhor intender, ou solicitar do Governo Central a approvação das medidas que, sendo preciso adoptar, não pertençam á alçada d'este governo districtal.

Começarei, Exc.º Sr. por apresentar a razão de ser d'esta minha exposição

I

Os actuaes missionarios europeus n'esta colonia, em numero de seis, são sacerdotes educados no Real Seminario das missões ultramarinas estabelecido em Sernache do Banjardim. Todos nós antes da sagrada ordenação jurámos solememente servir a Religião e a Patria em qualquer das nossas Provincias ultramarinas pelo tempo designado para cada uma d'ellas nos estatutos do mesmo Seminario, approvedos por Decreto de 18 d'agosto de 1871. Foi animados da melhor vontade de corresponder á nossa elevada missão que, sabindo de

Portugal, uns em 1875, e outros em 1876 viemos occupar os postos a que o dever da obediencia nos chamava. Correram os annos, ora prosperos aos nossos trabalhos ora recortados de obstaculos e difficuldades diversas, mas felizmente sempre cheios de bons resultados: e n'esse labutar continuado se passou o tempo de serviço que nos era prescripto por lei, ficando nós desde esse momento desligados perante Deus e os homens do compromisso que contrahuramos.

Não havia porem missionarios que nos substituíssem, e já esta circumstancia nos obrigava a permanecer em Timor para ao menos se ir sustentando o que com tantos sacrificios se alcançara. Mas alem d'isso havia outros motivos.

As missões de Timor tinham chegado a um certo grau de prosperidade e iam tomando um desenvolvimento sempre crescente a ponto de não ser já sufficiente o numero de missionarios que havia. Urgia portanto não só sustentalas, mas ainda fazel-as progredir tanto quanto possível: e para isso se conseguir era forçoso augmentar o pessoal ecclesiastico. Em taes circumstancias, e não havendo probabilidade alguma de serem mandados para Timor novos missionarios em numero bastante, não nos soffria o animo abandonar estas missões: porque tendo ellas sido, desde a sua organização em 1877 o theatro de nossas lides evangelicas, a nossa maior aspiração era vê-las prosperar e produzir fructos abundantes de civilisação, e para tal fim não duvidavamos prestar o concurso dos nossos serviços emquanto elles fossem precisos e a saude nol-o permittisse. Assim nos hemos conservado n'esta colonia sempre esperancados de que tão justas aspirações mais tarde ou mais cedo se realisariam. Mas a circumstancia de terem sido destinados a Timor apenas trez dos missionarios que ultimamente sahiram de Portugal para o ultramar, devendo alem d'isso ausentar-se d'aqui brevemente dois, pelo menos,

que se acham arruinados da saude, veio convencer-nos de que continuará a subsistir a impossibilidade de dar a estas missões o desenvolvimento de que tanto carecem.

E' portanto do meu rigoroso dever chamar a attenção do Governo para o estado das mesmas missões a meu cargo, fazer vêr quaes as necessidades mais urgentes a remediar, e mostrar ainda quão dura e afflictiva é a situação actual dos missionarios de Timor, os quaes, por grandes que sejam os seus emprehendimentos, por mui decidida que seja a sua abnegação e força de vontade com que trabalham, não podem satisfazer, sendo tão poucos, ás exigencias do districto, que de dia para dia augmentam. Para a organização d'estas missões foram dados nos primeiros dois annos 13 missionarios: depois, devendo augmentar esse pessoal em justa proporção com o serviço que naturalmente se ia multiplicando successivamente, pelo contrario diminuiu de anno para anno, ficando reduzido desde outubro de 1882 a seis missionarios europeus e um indigena. Ora semelhante desproporção entre o serviço e o pessoal para elle, entre os meios e os fins, não pode, não deve continuar. As missões de Timor, já agora, ou hão-de progredir gloriosamente, ou retroceder vergonhosamente, porque o deixal as estacionar sem terem attingido o desenvolvimento correspondente ás necessidades do districto, é dar-lhes uma vida sempre atrophiada, é continuar com a rotina fatal que, em Timor, não conseguiu sequer adoçar os costumes barbaros d'estes povos, e em materias de Religião deixou introduzir uma serie de superstições repugnantes e absurdas, taes como fazer o juramento de sangue, orar pelos defunctos, não para que Deus se compadeça d'elles, mas sim para que elles os não venham incommodar, etc.

E' isto o que por vezes tenho representado ao Exc.º Prelado Diocesano afim de por elle serem feitas as compe-

lentes reclamações perante o Governo da Metropole. Hoje, dirigindo-me a V. Exc.^a, tenho em vista, como deixo dito, não só sollicitar de V. Exc.^a a adopção d'algumas medidas que, no meu parecer, urge adoptar sem delongas, mas também conseguir que o mesmo Governo, obtendo informações directas do seu Delegado n'estas paragens, melhor possa conhecer quaes as providencias que é de justiça tomar em ordem a engrandecer estas missões e a melhorar as condições dos missionarios ao serviço d'ellas.

E, pois que tenho de dar uma noticia resumida das missões de Timor, lembrarei primeiramente qual foi a origem ou estabelecimento d'ellas, porque só isto bastará para mostrar que os melhoramentos que em bem curto espaço de tempo n'ellas se tem empreendido, e, mercê de Deus, se vão realisando, são já o resultado de muitos trabalhos e de muitas difficuldades vencidas á custa de grandes sacrificios que não seria justo desprezar.

II

Origem e Fundação das actuaes missões de Timor

1.^o Pelos annos de 1874 a 1875, em virtude d'uma concordata celebrada entre o Governo Portuguez e a Santa Sé, passou esta colonia a fazer parte da Diocese de Macau, sendo por isso desmembrada da Archidiocese de Goa.

Acabava de ser nomeado por essa occasião, bispo d'aquella diocese o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} D. Manoel Bernardo de Sousa Ennes, o qual, por se demorar algum tempo no reino, delegou a sua jurisdicção ecclesiastica, enquanto não entrasse em Macau, na pessoa do Rev.^{mo} Deão da Sé Manoel Lourenço de Gouveia.

Este, querendo informar-se do estado dos negocios religiosos de Timor, enviou aqui, na qualidade de Visitador, e com facultades amplas, o Rev.^{mo} Reitor do Seminario de Macau, Antonio Joaquim de Medeiros, hoje bispo titular de Thermopylas e Coadjutor do Snr. Arcebispo de Goa. Missionario zelozissimo e de genio emprehendedor, o Rev.^{mo} Medeiros veio a Timor pelos fins do anno de 1875, trazendo em sua companhia mais um sacerdote europeu, o Rev.^{do} Carlos Joaquim Gonçalves dos Santos, que voluntariamente se tinha offerecido a coadjuval-o no visita e a ficar por algum tempo em Timor, se preciso fosse. Ser-me-hia impossivel referir aqui o lamentavel abandono e desordem em que o Rev.^{mo} Visitador veio encontrar o serviço religioso do districto!... Havia alguns sacerdotes indios, mas esses eram poucos, e, por desgraça, estavam muito longe de corresponder á sua nobre mis-

são, levando uma vida altamente reprehensivel!...

De passagem sou forçado a dizê-lo, tanto para mostrar a razão de terem sido os mesmos sacerdotes mandados regressar, pouco depois, ás terras de sua naturalidade, como também para se poder imaginar quantos e quão terriveis obstaculos encontraram mais tarde os novos missionarios quando começaram a combater certos vicios e costumes gentílicos, que até ali se consideravam licitos. Havia egrejas, mas em todas ellas reinava o desalinho, a falta de acieio e a immundicie, sendo ainda para notar que á excepção da de Dilli, que era de alvenaria, consistiam em barracões de madeira tosea, cobertos de folha de palmeira. Havia também christãos, mas abandonados inteiramente aos costumes barbaros e gentílicos, não se notando differença alguma entre o viver d'elles e o dos pagãos. Em fim havia altares mas inquinados por mil paixões objectas: havia christãos, mas paganisados; havia logares destinados ao culto, mas profanados!

Em presença de tão lastimoso quadro o Rev.^{mo} Medeiros convenceu-se de que o unico meio de levantar estes povos do embrutecimento em que jaziam, era começar de novo a sua christianisação, era fundar novas missões com missionarios europeus, dignos d'este nome, e em condições de poderem sustentar escolas e collegios de educação, por serem estes o elementos mais poderosos e apropriados a garantir uma verdadeira e solida civilisação.

P.^e João Gomes Ferreira

Vigario Geral e superior das missões de Timor.

(Continua)

SECÇÃO CRITICA

O 5.^o centenario da batalha de Aljubarrota

I

A SOCIEDADE de geographia de Lisboa propõe-se celebrar o 5.^o centenario de uma das glorias patrias, de um dos feitos mais estupendos do brio e valor dos portuguezes.

O Snr. Augusto Ribeiro, que não temos o gosto de conhecer, apresentou á dita sociedade uma proposta concebida nos seguintes termos:

«Proponho que a sociedade de geographia de Lisboa, na persecução da sua elevada missão patriótica e civilisadora,

tome a iniciativa da commemoração do 5.^o centenario da batalha de Aljubarrota, que passa no proximo 14 de agosto de 1885, e que aproveite esta data para o lançamento da pedra fundamental d'um monumento ao infante D. Henrique no promontorio de Sagres, e para a trasladação dos restos do condestavel D. Nuno Alvares Pereira para a monumental egreja da Batalha.»

Devera ser uma festa esplendida a com que Portugal memorasse o grande feito de armas, que deu á lusa gente a liberdade, e que para longe fizera fugir amedrontado o fero leão castelhano; falta porém, o principal, o que mais brilhar fazer podia a patriótica festa.

Falta, que em Sagres já não existe a famosa escola naval, onde se crearam os esforçados navegadores que levaram a bandeira de Ourique, arvorada na prôa dos galeões portuguezes, a todas as praias de Africa e da America.

Levantar um monumento a D. Henrique, ao infante navegador, n'uma epoca em que Portugal deixa rasgar além mar a bandeira gloriosa de Aljubarrota, para que ella não seja sustentada á mercê dos ventos pelo frade, pelo homem da civilisação, pelo homem que mais ajudou o audaz marinheiro nas suas conquistas e descobertas; o levantar um monumento n'esta epoca, é o insulto arremessado á memoria do passado, é o baldão inodoando a epoca mais brilhante da historia de um povo.

E, porque deixão cair feito pedaços a bandeira da patria, rir do esfacelar da marinha gigante, que amedrontou o mundo, deixar ao abandono as nossas possessões ultramarinas, por medo ao frade e levantar um monumento ao Principe que mais adorou essa bandeira, que mais respeitar fizera essa marinha e que mais se utilisara dos serviços do frade, é, sejamos franco, se não pedantesca estulticia, pelo menos falta de criterio e de amor patrio.

Façamos de novo tremular a bandeira de Val-de-Vez e Aljubarrota nos arcaes africanos e entre os palmars da America; levantemos a nossa marinha de guerra, senão á altura a que a erguera o filho do mestre de Aviz, pelo menos a ponto de nos fazer o serviço para as nossas provincias ultramarinas; aliemos o frade ao soldado, empenhemos na mesma lucta civilisadora a cruz e a espada; unamos n'um mesmo pensamento,—o da regeneração da Patria, o soldado de Christo envolto no habito monastico e o filho de Marte ostentando as insignias militares; conservemos no mundo o nome e a gloria que sempre teve Portugal, e teremos, com isso, erguido o mais formoso monumento ao infante D. Henrique; porque o maior serviço que aos heroes se pôde fazer, é continuar a sua obra, é não deixar mor-

rer a grande ideia que os dominara, é não perder o caminho por elles traçado.

Sejamos portuguezes, tornemos dignos descendentes d'esses heroes que nos fizeram grandes, que fizeram Portugal a nação mais respeitada, porque foi berço de homens grandes, e teremos com isso conservado a memoria do vencedor de Ceuta.

Despedacemos os grilhões que nos rocheam os pulsos; peçamos a liberdade que ha muito nos roubaram; enchotemos dos bancos do poder os especuladores que medram com as desgraças da Patria, que mercadejam com a sua deshonra, e que se locupletam sobre o cadaver de uma nação que foi grande.

Teremos então erguido á memoria do infante D. Henrique o mais alto dos monumentos.

Elias de Sampaio.



COISAS! COISAS!

A REVOLUÇÃO fez ahi um barulho espantosamente terrível, quando soube da apostazia do padre Curci, agora veremos se ella faz o mesmo aruido para apresentar a retractação do mesmo sacerdote, publicada ha pouco pela *União Catholica*. Não o fará a Revolução porque não quer encommendar os peixinhos a quem encantou com a noticia da apostasia. Não o fará; mas que importa isso? Fazemol-o nós, transcrevendo do periodico italiano já citado a seguinte carta:

«Rev.^{mo} Sr. Director da *União Catholica*».

«Florença, 14 de Agosto de 1884.

«Pela carta do Pontífice ao Arcebispo de Florença, datada em 18 d'agosto proximo passado, e a mim communicada em 5 do corrente, havendo adquirido cabal e directa certeza de que, aos meus tres ultimos escriptos incluídos no *Index librorum prohibitorum* a legitima Auctoridade ecclesiastica notou cousas reprovaveis de varios generos, creio dever fazer a seguinte declaração, que desejo se faça publicar.

«Pela reverencia, que sempre professei e professo á Egreja Catholica, e á sua Cabeça visivel, reprove e condemno, quanto n'aquelles escriptos se acha contrario á fé, á moral, á disciplina e aos direitos da mesma Egreja. Quero além d'isso que assim se comprehenda, não segundo o meu juizo privado, ao que de todo o coração renuncio,

mas segundo o juizo d'aquelles a quem o *Esprito Santo escolheu para reger a Egreja de Deus.*

«Confio que a expressão sincera d'estes meus sentimentos servirá para reparar o escandalo dado por mim; mas sobretudo tenho confiança de que, graças a elles, Sua Santidade se dignará recolher, com a sua antiga benevolencia, como ao ultimo de seus filhos em Jesus Christo, o que se subscreve

«C. M. Curci, sac.»

Já se vê que o Padre Curci não é da laia dos Guilherme Dias e do mano do sr. conselheiro Thomaz Ribeiro, o poeta.

Diz-nos um jornal que o sr. ministro do reino expedira uma portaria ao reitor da Universidade, ordenando a suspensão da impressão que se estava fazendo na imprensa da Universidade, de um compendio de Theologia Dogmatica fundamental, de que é auctor o Exc.^{mo} Sr. Dr. Eduardo Nunes, e que o mesmo destinava para servir de texto nas lições da primeira cadeira da faculdade de Theologia.

Porque será?

Diz o jornal donde tiramos a noticia que é pelo facto de na mencionada obra tratar de certos *dogmas* que n'este reino *stidelissimo* não obtiveram ainda o *beneplacito regio*.

Não deve causar-nos admiração a medida do sr. ministro do reino, porque o Artigo 75 da *Carta Constitucional*, diz que são atribuições do Rei: § 14.º— Conceder ou negar o Beneplacito aos decretos dos Concilios, e Letras Apostolicas, e quaesquer outras constituições ecclesiasticas, etc.

Portanto, nada de condemnar o ministro, que já achou a *Carta* quando chegou á cadeira ministerial; o que sim devemos condemnar é a propria carta, que tira aos catholicos o direito de obedecer aos decretos do Vigario de Jesus Christo. E' por isto que nós não morremos de amores pela tal *carta*, que acataríamos se ella se não opposesse ás leis da Egreja.

O Sr. Joaquim Martins de Carvalho, do *Contumbricense* quiz não ha muito, apresentar em paralelo as casas de caridade, beneficencia, etc. havidas alem

e áquem liberalismo. Um nosso collega na redacção quiz refutar o palavriado do sr. Carvalho, mas houve de desistir, depois que o dito sr. devolveu á administração do *Progresso Catholico*, um n.º que lhe não agradou.

Em um jornal brasileiro, a *Aurora*, respeitavel collega nosso de Pernambuco, encontramos uma nota das confrarias, ordens, etc. existentes no Rio de Janeiro, e creadas alem liberalismo, instituições que, de certo, são as principaes do Brazil, ainda hoje, apesar da moderna philantropia.

Vejamos e pasmemos, que de menos não é digno o caso:

«Ordens e confrarias do Rio de Janeiro.—Das confrarias do Rio de Janeiro, as importantes e antigas são: a Terceira de S. Francisco da Penitencia, fundada em 1619; calcula-se em 20.060 irmãos existentes, avaliando-se o seu patrimonio em 6.347:000\$; a de Nossa Senhora do Carmo, fundada em 1648, contando cerca de 18:000 irmãos e avaliando-se o seu patrimonio em..... 3.268:000\$; a do Senhor Bom Jesus do Calvario, fundada em 1724, tem de patrimonio 774:200\$; a de Nossa Senhora da Conceição da Boa Morte, fundada em 1700, tem de patrimonio 442:700\$; a de S. Francisco de Paula, fundada em 1756, tem de patrimonio 1.159:000\$; a do Principe dos Apostolos, fundada em principios do seculo XVII, tem de patrimonio, 1.259:000\$; a de Nossa Senhora da Candelaria, fundada em 1628, tem de patrimonio 4,184:600\$; e finalmente a da Santa Casa da Misericordia, fundada entre 1567 a 1582, avaliando-se o seu patrimonio em 18.400:000\$»

Tambem em Portugal, o que ha de grande ainda, depois mesmo da pasmosa expoliação de que este paiz tem sido victima, são as instituições christãs, as que foram creadas á sombra da cruz, bem que pese aos amigos da *liberdade*.

O partido legitimista portuguez festejou com imponentes banquetes e obras de caridade o anniversario natalicio do Sr. Dom Miguel de Bragança. Nós, catholicos, e por isso affastados das luctas partidarias, não podemos, ainda assim, deixar de mostrar o nosso contentamento em face da vitalidade que mostra o partido legitimista na nos-

sa patria, porque vemos n'elle um defensor das glorias e das liberdades patrias. E dizemos isto porque vemos que um outro partido ali tenta levantar-se, partido que só irá ao poder por sobre a cabeça do Snr. D. Luiz I, ou de qualquer principe que represente em realza. Este partido é o republicano, que podia despedaçar o throno, rasgar as leis actuaes do paiz e quebrar a coroa dos reis, sem desrespeitar a Religião Catholica, sem ter em mira o aniquilamento da fé; mas infelizmente este partido é anti-catholico e por isso nós não podemos apoiá-lo, porque vae de encontro ás tradições gloriosas da nossa cara Patria. E é por isso que nós olhamos esperançados para o partido legitimista, que cortará o passo á cohorte republicana quando se approximar do throno de nossos reis, que não deixará despedaçar, não deixando tambem arrear a cruz de nossos altares.

O Snr. D. Luiz I estará tambem do nosso lado n'este ponto, porque melhor lhe será ficar subdito d'um parente, que dar a cabeça aos descendentes dos Marat e Robospierre.

Nós não viemos á imprensa dar nem tirar coroas; mas se a coroa de Portugal tiver de cair da frente da actual dinastia, que um principe catholico e portuguez a coloque na frente, antes que a republica a quebre na praça publica.

Saudemos, pois, o partido legitimista.

Um jornal francez o *Matin* publicava ha dias um artigo de Emilio Castelar, que fez grande bulha em Paris.

O notavel tribuno de Alem Caia dispõe-se a advogar não só as suas ideias republicanas já bem conhecidas, mas a fazer propagar a ideia de uma confederação latina, formada pela França, Hespanha, Italia, Portugal, etc. etc.

Estes Revolucionarios são de uma contradição pasmosa! Ha quanto tempo elles trabalham para fazer desaparecer a secular confederação latina, que tem por chefe o Papa? E sem conseguir o seu fim, que jámais conseguirão, porque as obras divinas não as assignala o homem, tenta formar nova confederação, talvez para ver se depois mais facil lhes será aniquilar a Igreja,

cabeça d'essa grande confederação que tem visto dezenove seculos prostrados reverentes diante de si!

Não julgamos o snr. Castelar a tal altura.

Em Bruxellas fora condemnado a 20 dias de prisão e quatro libras de multa um homem que gritára, quando os ministros saíam da camara: abaixo os independentes! Vivam os liberaes!

Que soberba confusão fez o pobre do homem! Só por isso era digno de perdão.

Abaixo os independentes! Vivam os liberaes!

Os independentes, note-se, são os catholicos, os liberaes..... são os liberaes, mas..... não são independentes. Bem fazemos nós que só queremos ser catholicos.

Um leitor de gazetas.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Monsenhor Freppel, Bispo de Anjers

I

NÃO vimos biographar o grande prelado francez, de quem damos hoje o retrato, porque bem conhecido é da Europa esse vulto gigante, que se levanta em meio da revolução do seculo XIX. Ao estampar nas paginas do «Progresso Catholico» esse retrato que relembra o catholico audaz, o apostolo, o filho do Evangelho que, calcando todas as considerações humanas, e trepando ao alto do parlamento francez, proclama os principios catholicos, verbera o pedantesco ousar dos modernos atheus que querem, em nome do progresso, banir Deus das leis, da familia, do templo, de toda a parte, para entronisar o reinado do despotismo e da tyrannia, prestamos um grande serviço á virtude, levantamos um monumento á reacção franca e destemida, e proclamamos, como o Bispo de Anjers, os principios catholicos em toda a sua pureza.

Vede-o, admiraes aquella fronte ampla, sublime de magestade e grandeza, onde polulam os grandes pensamentos que podem salvar as nações, e presta o devido preito ao Prelado catholico, ao filho da França christianissima.

II

Interior da cathedral de Auch

É uma das maravilhas da arte christã a igreja metropolitã de Santa Maria

de Auch em França. Foi principiada em 1348 e terminou em 1688. O interior offerece uma perspectiva grandiosa, rica, importante, não só pelos muitos e custosos ornatos que ostenta, como pelas famosas vidraças pintadas, que tem renome em toda a Europa.

O coro, de que é copia a nossa gravura, com a riqueza de suas cadeiras e seus formosos rendilhados, e as suas cento e sessenta e quatro estatuas, pode considerar-se uma obra primorosa. Ha dezoito grupos em alto relevo, onde está representada a historia de Jesus Christo, desde a Encarnação até ao Calvario.

A nossa gravura dispensa-nos de maiores detalhes; tal é a fiedade com que está reproduzida.

Quando admiramos obras como esta, o nosso pasmo duplica-se, não sabendo como explicar como se levavam a effeito trabalhos de tanta importancia. Hoje faz-se grande berraria quando se pinta bem uma sala, quando se emmoldura bem um quadro, quando se levanta uma estatua. Mas os antigos apresentam suas obras d'arte onde as estatuas são aos centos, onde as molduras são de pasmosa perfeição, onde os altos relevos offuscam as mais formosas pinturas da actualidade.

Depois as grandes cathedraes, as esplendidas igrejas dos conventos eram outras tantas escolas de bellas artes, onde os grandes genios estudavam, onde se preparavam os mais afamados artistas.

Hoje.....

R.

SECÇÃO LITTERARIA

GRACIA

ou

A CHRISTÃ DO JAPÃO

CAPITULO VII

As penas do Gracia

(Continuado do n.º 22)

Eu, visto que todos os systemas religiosos que conheço são falsos, visto que tudo está cheio de fabulas, que, ou são insufficientes para explicar nosso principio e nosso fim, ou são absurdos ou irracionaveis, acredito e assevero, que tudo acaba com a morte.

—Não, não, isso não deve ser, nem pode ser: eu, que não tenho lido tantos livros, nem por isso me tem transtornado tanto a cabeça.

creio que a morte é o principio de outra vida.

Sim, sim, creio, creio: porque se não a houvesse, nem os bons seriam premiados, nem os maus punidos.

—Ah, infeliz! acreditas nas sandices, que prégam nossos bonzos?

—Não é porque elles as prégam, mas porque elles as prégam, disse a menina levando a mão ao coração, ha alguma cousa que m'o diz. Mas não fallemos mais disso, visto que te entristece. Anda d'ahi, vamos ao jardim.

—Não, não, vai tu só, deixa-me um momento.

Mirka, mau grado seu obedeceu, e logo que respirou desafogado e se viu ao ar livre, como avesinha, que sae da gaiola, começou a cantar, e saltando e brincando se dirigiu para onde estavam as creanças.

Entretanto a princeza lastimava-se a sós da sua sorte, como costumava, e se excitava até o ponto de irritar-se e investir contra si mesma. Estes arrebatamentos, que terminavam ordinariamente por lagrimas, foram os que poucos mezes antes começaram de chamar a attenção de Jecundono que desde então não descansou até descobrir, que o completo e total desengano, que a leitura havia operado em sua esposa era a causa principal e talvez unica de todas suas penas.

Quando se convenceu de que sua esposa já não acreditava em todas as divindades de seu imperio, e se havia tornado athea, disse que aquella conclusão e aquelle desfecho era a maior prova de seu talento, porque havia chegado aonde muito poucos dos mais sabios bonzos e doutores japonezes se atreviam a chegar.

—Nem eu, nem muitos dos meus amigos, acrescentou Jecundono, crêm nos Kamis, nem no gran Daibuts, nem nas demais cousas dos livros sagrados, mas não temos, remedio senão calar-m'o-nos e seguirmos exteriormente a religião do povo para não o escandalizarmos. Fazes bem em não dares credito a semelhantes patranhas e muito melhor farias se nenhuma importancia lhe desses. A vida é curta, passa rapida e torna-se urgente gozar seus prazeres sem nos inquietarmos sobre o que depois da morte succederá.

Estas palavras, longe de aquietar o desasocego de Gracia, augmentaram-lh'o, recrudesceram-lh'o, porque achava o positivismo de seu marido muito mais repugnante e

detestavel, que as fabulas das Kamis, e a vaga deidade de Confucio.

Sua intelligencia dizia-lhe claramente, que, se não havia Deus nem outra vida senão a presente, Jecundono e seus amigos tinham razão para gozar d'ella quanto podessem; seu coração, porém, sentia pena tão grande ao pensar que tudo acabava com a morte, e com lamentos tão fortes protestava contra tal doutrina, que, por mais esforços que fazia para segui-la, não o podia lograr, nunca o pôde conseguir. Por mais que se chamava athea edizia que nada acreditava: por mais que procurava destruir apagar e desvanecer em suas parentas e creadas toda a idea religiosa, nunca se sentia satisfeita. Tudo a molestava, e a pobre princeza, cahindo de erro em erro, resvalando de abysmo em abysmo, foi parar qual outro Santo Agostinho, á duvida universal, ao septicismo puro; protestando, porém, sempre como elle contra tal doutrina, que não se coadunava bem com as elevadas tendencias de seu espirito.

Protestando contra si mesma estava depois de despedir Mirka, como temos visto, quando lhe vieram dizer, que o principe Jecundono regressava de Osoka, e correu pressurosa e alegre a recebê-lo

CAPITULO VIII

Uma esperança imprevista

A não ser as cantigas de Mirka, a unica cousa que distrahia Gracia de seus continuos pezares era o escutar a narração, que dos povos, paizes e pessoas desconhecidas lhe fazia Jecundono. Este anccio de investigar, de que ella se não apercebia, era a esperança secreta que alimentava sua alma de encontrar novos horisontes, onde podesse descansar e restabelecer-se de seu abatimento ou de achar alguma cousa que podesse amar, alguma cousa que apagasse a sêde de sabêr, que a devorava, e que a consolasse dos desgostos e dissabores, que a sciencia lhe ocasionava.

Logo que Jecundono chegou, e sube de que durante sua ausencia o estado moral da princeza havia peiorado, disse-lhe, que se preparasse para acompanhá-lo a Osaka, pois não queria, outra qualquer occasião, em que se visse forçado a obedecêr ás ordens do Regente, tornar a deixá-la só, quando podia ir muito bem ambos.

A casa-palacio, que possuia o Daimio em Osaka era muito mais

propria para passar o verão, do que a de Tango, e Jecundono, positivista mui amigo das commodidades materiaes, preferia viver n'ella desde Maio por diante, do que voltar para o Tango.

A viagem agradou sobremancira á princeza, porque, desejando sempre variar de ideas e sahír da pezada atmospherá que a opprimia, figurava-se-lhe, que alguma cousa sempre lucrava em mudar tambem de residencia e em percorrer outras paragens.

Teve como que um presentimento de que sua sorte ia melhorar em Osaka, e com isto passou os dias, que se seguiram antes da realisação da viagem, tão jovial e contente, que parecia ter-se de todo esquecido de suas penas e angustias. Um novo interesse lhe fez desejar a viagem, porque Jecundono, protextando o presente que l'axiba lhe havia enviado, a tornou sabedora e completamente ao facto de tudo o que se passava na Corte e lhe contou quanto sabia e suspeitava, sem deixar certamente de referir-lhe sua conversação com Justo.

(Continua)

VERSÃO DO P. LIMA

RETROSPECTO DA QUINZENA

RECEBEMOS a visita dos setenta e cinco cavalheiros, assiguantes do «Progresso Catholico», e por isso mesmo catholicos de antes quebrar que torcer:

Do Revd.^{mo} Snr. P.^o Adriano de Sousa Gomes, hoje professor no novo seminario dos Carvalhos, devido aos esforços e bon vontade do Em.^{mo} Snr. Cardual Bispo do Porto.

Dos Revd.^{mos} Surs. P.^o Manuel Alves Meireis, e P.^o José de Sampaio, de Vianna do Castello.

Do Revd.^{mo} P.^o Emilio Augusto da Esperança Machado, nosso solícito correspondente em Barcellos.

Do Exc.^{mo} Snr. Bernardino Alves Pereira de Magalhães e Moura, de Basto.

A todos os nossos agradecimentos e a manifestação do nosso regosijo pela feliz chegada a suas casas.

Está bem o Papa, pode, quando e como quizer usar dos seus

direitos — dizem os amigos da Italia una. Mas os factos provam o contrario, como demonstraremos com o seguinte, que acaba de dar-se:

Sua Santidade tem desejos de estabelecer junto do Vaticano um hospital para colericos, no caso de Roma ser invadida pelo terrivel flagello, e assim o expressou em uma carta que escreveu ao Em.^{mo} Cardeal secretario. Parece que toda a gente, tanto dentro como fóra das fronteiras italianas, devera applaudir o caridoso desejo do Summo Pontifice; mas não aconteceu assim, e o governo humberfino, por meio dos seus orgãos na imprensa declarou QUE O PAPA NÃO PÔDE SOBRE TAL ASSUMPTO TOMAR NENHUMA INICIATIVA SEM PREVIA AUCTORISAÇÃO DO PODER CIVIL.

Aqui está a grande liberdade de que goza o Pae espiritual dos catholicos, apesar da *lei das garantias*.

Ao passo, porém, que o governo humberfino, continua a considerar o Papa prisioneiro de guerra, o governo de Berlin manda o sr. Schloezer a Roma para entregar ao Soberano Pontifice uma nota detalhada das concessões que a Alemanha resolveu fazer á Egreja. E em breve chegará tambem a Roma o sr. Bontessieff, ministro plenipotenciario da Russia junto da Santa Sé.

Tambem a Inglaterra trata o Santo Padre Leão XIII como Soberano Pontifice, pedindo para ser creado um delegado apostolico nas Indias Orientaes, para onde Sua Santidade mandou Monsenhor Agliardi, da Sagrada Congregação da Propaganda Fide, que receberá o titulo de Arcebispo e residirá em Bombay.

Os governos revolucionarios são, como não pôde deixar de ser, os que mais hostilizam a Egreja, embora sejam, ou se digam catholicos. A França entimidou o Papa, com a não nomeação dos bispos para as sés vagas, enquanto Sua Santidade não nomeasse dous cardeaes francezes. Leão XIII que tem tanto de conciliador como de inergico, respondeu ao governo da Republica que se não fizesse a nomeação dos Bispos dentro

de seis mezes, Elle os nomearia em harmonia com a concordata. E' assim que fazem os que governam segundo as leis divinas.

Sirva de consolação ao Santo Padre, para dulcificar as amarguras que a França lhe causa, a nomeação de representantes das Republicas do Equador, Bolivia, e Venezuela, junto do Vaticano.

Sua Exc.^a Revd.^{ma} o Sr. Bispo de Vizeu, notando a propaganda que dos maus livros se faz na sua diocese, fez publicar a seguinte carta pastoral:

«Dom José Dias Correia de Carvalho, por mercè de Deus, e da Santa Sé Apostolica, Bispo de Vizeu, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Par do Reino, etc., etc., etc.»

Aos que a presente virem Saude e Benção em Nosso Senhor Jesus Christo

Tendo chegado ao nosso conhecimento que em diversas Parochias do Nosso Bispado se faz propaganda de impressos sobre assumptos religiosos sem a declaração do nome de seu auctor, e da typographia que os dá á estampa, contendo doutrinas sem nexos, exaggeradas e em que se descrevem factos inverosímeis, tendentes a infundir terrores, superstições e escrúpulos, que a Egreja Catholica reprova e condemna, parecendo haver em semelhante propaganda o pensamento reservado da mais sordida especulação:

Havemos por bem ordenar que os RR. Parochos previnam á estação da missa conventual seus parochianos contra tal propaganda, fazendo recolher á sua mão os sobreditos impressos a fim de serem retirados da circulação, como nocivos ás boas doutrinas.

Dada e passada em Vizeu sob Nosso signal e sello de Nossas Armas, aos 18 de setembro de 1884.

Logar ✕ do sello.

José, Bispo de Vizeu.»

Bem haja o illustrado Prelado viziense.

Já que a auctoridade administrativa não cumpre o seu dever prohibindo a propaganda de doutrinas contrarias ás leis da Egreja que são, em virtude da carta, as leis do paiz, torna-se

necessario que os Bispos previnam os seus diocesanos para não serem enganados pelos inimigos da Religião e tambem da Patria.

Traz-nos o correio dos Açores a agradável noticia de que S. Exc.^a Revd.^{ma} o Sr. Bispo d'Angra está melhor dos ultimos encommodos. Demos louvores ao Senhor e pegamos-lhe dilatada vida de tão venerando Prelado para gloria da Egreja, felicidade dos catholicos açorianos, e confuzão dos inimigos de S. Exc.^a Revd.^{ma}, que são os inimigos de Deus e da sociedade.

Obteve em Roma no Collegio Capranica, onde está cursando ha alguns annos, o grau de Licenciado em theologia e Direito Canonico o Revd.^{mo} Sr. P.^o Theotonio Manuel Vieira de Castro, do Porto. S. Revd.^{ma} recebeu em todos os seus actos a mais distincta approvação, pelo que lhe enviamos mil parabens, dando-os tambem a sua Exc.^{ma} familia e ao paiz.

~*~*~*~

EXPEDIENTE

Para dar publicidade á muita materia que tinhamos, publicamos o presente numero com 16 paginas em vez de 12. e por isso não foi possivel distribui-lo no dia 30, nem antes do dia 3 por causa da festa de Todos os Santos. Os nossos leitores desculpam-nos a demora.

Como veem fizemos melhorar o typo, que é todo novo, e muito legivel, e trataremos de fazer os melhoramentos possiveis para agradecer assim aos nossos bondosos leitores.

No proximo numero principia-remos a fazer a distribuição aos assignantes de Braga por meio d'um distribuidor e não pelo correio, o que fará que o «Progresso Catholico» lhe seja entregue no dia da publicação.

Teixeira de Freitas.

~*~*~*~